

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 20 de Abril de 1856

N. 41

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, essa filha predilecta que acariciamos por tanto tempo; a *Saudade, Capitolio* obscuro em que se hastearam as bandeiras d'uma mocidade inexperiente na carreira das letras— uma mocidade que sentia a inspiração arder-lhe na mente — conduzindo-a a formar sonhos fagueiros em um porvir mais brilhante; a *Saudade*, em fim, voltou aos braços d'aquelles que a formaram sem outro auxilio mais que os seus bons desejos, e a coadjuvação d'algumas pessoas com que contámos, e contaremos sempre.

O *Gremio Litterario Portuquez* sentio a necessidade de proseguir na empresa que encetou, porque tem convicção de que a *Saudade* virá a occupar um lugar distincto entre os jornaes litterarios do Brasil.

O nosso programma é e será sempre o mesmo— dar incremento ás letras, e acoroçar alguns talentos noveis que surgiram já, e que hão-de apparecer no futuro. Contamos com o apoio de todas as pessoas que amam a litteratura, contamos com todos, por que a empresa é vasta, o terreno difficil d'explorar, e sem o material preciso não poderemos construir o edificio que concebemos n'esses momentos em que o coração expandindo-se, sente as mais nobres e santas inspirações.

Ajudem-nos a levar a empresa ao fim, e quando apoz de muitos combates a sustentar, e difficuldades a vencer, podermos hastear no *Capitolio* a bandeira dos vencedores, temos convicção de

que mais de um virá dar-nos os parabens pela victoria alcançada.

Rio, 25 de Abril de 1856.

O GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A VIRGEM DO CEMITERIO.

IX

Helas! naitre pour vivre en désirant la mort!

(V. Hugo.)

Eu fui sentar-me á beira dos tumulos que encerravam os restos mortaes das pessoas que me eram charas, e a sós, triste como os cyprestes do cemiterio, interroguei essa geração que sobrevivera á dos meus amigos! A minha debil voz foi morrer no espaço, e não colhi mais que os échos della! De novo pensei!... Errante como o peregrino do deserto, abandonado como a arvore que seccou sob a influencia do rijo tufão, e que assim despida nem um olhar se quer obtem do camilante; eu procurei uma mão amiga que me conduzisse por entre esse dédalo infinito a que se chama mundo, e ninguem achei.... As aves agoureiras pousavam nas arvores, e soltando seus tristes e funebres cantos, pareciam annunciar-me a sentença fatal, que a mão do destino me imprimio mais tarde na fronte. Quiz morrer! Morrer tão moço!... Depois tentei chorar, mas ai de mim! nem lagrimas tive com que pudesse orvalhar as parasytas ervas que rodeavam esses tumulos! Orei. Com os olhos fictos no céu, esperei

delle a consolação que debalde procurei na terra.... não sei, mas senti a esperança renascer, e fiquei tranquillo !.... Ia a retirar-me. O sol acabava d'esconder-se no horisonte; a natureza adormecia, emballada pelo derradeiro canto dos passarinhos, e pela agradavel fragrancia das flôres !.... Subito uma figura branca se destacou d'entre as arvores do cemiterio, e com passos vagarosos para mim se encaminhou. Tive medo ! Fosse a impressão do momento, eu tomei essa figura por um phantasma que vinha responder aos meus queixumes; senti que osuor me banhava a fronte, e mister foi encostar-me a um tumulo para não cahir ! Esperei palpitante. A figura branca passou, e o meu terror pueril desapareceu bem depressa. Era uma mulher, e joveninda. Perto de um lindo tumulo de marmore parou. Esse tumulo encerrava os restos mortaes de um homem que eu conhecera e apreciára em vida. Morreu bem moço ! tambem a sua morte deixou profundas recordações no espirito daquelles que o tinham conhecido, e a mão do tempo jámais poderá extinguir os traços da sua rapida passagem neste valle de lagrimas.

A mulher ajoelhou sobre o tumulo, calma e tranquilla orou por muito tempo. Eu seguia-lhe todos os movimentos, não a quiz despertar, por que tinha convicção de que ella ia orar pela ultima vez sobre a sepultura do ente que mais amára neste mundo. Levantou-se alfim, depois de ter depositado no tumulo uma corôa de perpetuas; e vagarosa como tinha vindo afastou-se do lugar. Adeus, Henrique, disse ella baixinho, adeus, até breve ! As suas palavras revelavam uma resolução terrivel, mas meditada. Laura ? ! exclamei eu. A mulher voltou-se sobresaltada, e deu pela minha presença. Tu aqui tambem, respondeu, com extrema doçura. Sim, e tudo vi.... Como amavas Henrique !.... Tanto que sinto poder em pouco reunir-me a elle. E teu pai.... tua irmã ? !.... Oh ! não penses que vou procurar a morte no suicidio.... não, seria loucura.... Que contas fazer então ? A ninguem o disse ainda, mas tu que foste seu amigo, tu que eras quasi seu irmão, tu que me ajudavas a colher as flôres campestres com que adornava a minha capellinha, vais sabel-o. Laura aproximou-se de mim, pegou-me na mão que apertou entre as suas, e disse : Não sentes esta febre lenta que me devora ha tres dias ? não vês como as rosadas côres das minhas faces desapareceram de todo, para dar lugar a uma pallidez medonha, que revela um soffrer in-

tenso e mortal ? pois bem tudo isto me presagia que em breve terei de reunir-me a elle lá no Céu. Quando nada faz pulsar o coração, é porque a vida está apenas por um fio. Assim, pois, não temas que meu corpo venha a ser encontrado em algum lugar solitario, pasto d'animaes vorazes, ou á superficie da agua do rio que corre além; não ! Mas o que contas fazer ? quaes os teus designios. Promettes acompanhar-me e obedecer-me em tudo sem reflexão ? Prometto, Laura.... se eu podesse morrer contigo !.... Comprehando-te nobre e pura alma; confessas-me o teu amor de tantos annos, porque já nem uma fraca esperança vem reanimar teu pobre coração; porém eu amava Henrique.... se te conhecesse primeiro !.... Vamos, disse eu, para que avivar as recordações do passado ? ! o que queres que eu faça ? Acompanha-me ao convento; dá-me o teu braço, por que não terei forças para chegar só. Antes de me encerrar nelle, queria procurar-te para te agradecer o muito que fizeste por mim, e pagar-t'o com um beijo de despedida.... Beija-me, e que este beijo e o lugar te recorde sempre a infeliz Laura.... Um momento, meu amigo; eu quero morrer em uma cella daquelle convento; se me enganar, se a morte não vier de prompto, como espero, se a morte não vier de prompto, como espero, que ninguem vá despertar-me á minha dôr !.... Aqui tens uma carta; é para meu pai, abraça-o e beija Emilia por mim. Promettes cumprir á risca a minha derradeira vontade ? Eu o juro ! Ainda não é tudo. Emilia tem o meu *album* em seu poder; é o *album* d'uma mulher que vai morrer na primavera da existencia... e que muito amou; esse *album* é teu. Ania-o como amaste aquella que o escreveu, e algumas vezes o pranto que derramares sobre suas paginas animará esse escripto a ponto de julgares que estou presente á leitura dellas.... E' desnecessario repetir-te que quero ser sepultada ao lado de Henrique. Não nos unimos em vida, vamos unir-nos na campa ! Tristes nupcias !.... Partamos....

Cinco dias depois eu orava sobre o tumulo de Henrique, que era o de Laura tambem ! E eu achava-me só no mundo, e mais abandonado que até ali !

A minha ultima esperança.... oh ! encerrava-a essa campa !.... Correi, pois, oh ! minhas lagrimas ! !....

Rio, 13 de Abril de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A Saudade.

Tempos de paz e de gosto
De vós que resta?— a saudade!....
Esta ao menos, Deos piedoso,
Me conserve em toda a idade.

(A. F. DE CASTILHO — *Excav. Poet.*)

Saudade!! acri-doce sentimento gerado no centro d'alma pela recordação dos gosos de outr'ora, e da existencia do charo objecto ausente!

Como me é grato o teu sentir quando expões a meus olhos o painel das sensações que em outra idade experimentei! Como me desenhás no pensamento com admiravel fidelidade, as scenas graciosas, as imagens seductoras de meus brincos innocentes! Saudade!.... afiado punhal que suavemente te embebes no amago de meu coração e sabes conter-lhe as pulsações, quando embalado ao sopro fagueiro das emoções do presente, parece querer por momentos esquecer-se das verdadeiras impressões do passado! Vem, sentimentos amargo e doce! Eu te quero; eu te idolatro! Ao toque de tua magica varinha, gozo ainda amenos dias que tão rapidos passaram; volto á quadra feliz de minha infancia; colho na arvore da innocencia os fructos doces, saborosos e puros, não tocados pela mão da corrupção!

Correrei ainda como um doudinho atraz das multicores borboletas, para leval-as á minha pequenina irmã, que morre por ellas, e por cujo serviçozinho prometeu abraçar-me! Irei tirar um ninho de implumes passarinhos que descobri na oliveira do quintal, e saltando de contente irei leval-os á minha carinhosa mãe, que me ralha e força a restituil-os aos carinhos da avésinha, que adeja de ramo em ramo piando magoada em procura de seu thesouro que lhe roubaram em quanto cuidadosa procurava seu sustento! Verei ainda com profunda magoa esconder-se o sol atraz dos outeiros porque me priva com sua ausencia a continuação de innocentes folguedos, mas logo extasiar-me-hei com as scenas arrebatadoras que nos offerece seu occaso, atirando por despedida seus fios de ouro ás cumiadas das montanhas, e ás altas grimpas dos templos do Senhor; e mais depois com as imagens de verdadeira poesia, inimitaveis imagens da hora do crepusculo!!

Ouvirei ainda com religioso respeito os salutarres conselhos de meus pais e ainda uma vez sentirei derramar-se em minha alma innocente, o balsamo consolador que mana das orações religiosas repetidas no começo e no fim do dia! E de-

pois de ter dado graças ao *pai do céo*, ainda irei contente sentar-me com os meus, á roda de minha boa mãe para escutar alguma historietta de que tanto gostam as crianças; e fascinado, por assim dizer, da magia desses cantos populares, deixarei cahir a cabeça no regaço de minha irmã e adormecerei profundamente sonhando com os brinquedos que tenho de executar no dia seguinte!

Saudade!... minha companheira inseparavel, que vens mesmo com teus rigores tornar menos amarga nossa existencia, suavizando nossos pesares quando supportamos a ausencia de objectos que nos são tão charos! Como ainda é suave teu bafejo pensando na quadra não menos risonha, não menos rica de emoções agradaveis, de nossas primeiras affeições amorosas, nessa quadra de existir tão doce, em que por um terno volver de olhos, por um angelico sorriso pairando n'uns labios de carmim, dariamos sem hesitar vida e thesouros, se thesouros houvessem para fazer permuta com essas joias de tão subido valor! nessa quadra, dizemos, em que o nosso mundo, o nosso existir, a realidade emfim de nossos sonhos fagueiros, andava pendente dos anneis dourados de longa madeixa que a brisa matutina agitando brandamente, fazia brincar por sobre um collo de virgem, digno do cinzel de Phidias!

Bem feliz o ente que tem um coração capaz de nutrir sentimento tão sublime! Desgraçado, bem desgraçado, aquelle que nunca pôde gozar desse sôpro da Divindade!

J. A. SANTOS CERTIÇO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Carlos levantou-se commovido, e ia a retirar-se. Um rumor de passos o fez voltar para a sua esquerda. Ah! és tu, minha querida Mathilde? disse elle indo ao encontro d'uma joven que entrára na *encruzilhada*. Eu mesmo, tornou a interrogada com voz extremamente doce; e bastante sorprendida por enconral-o aqui; se o não conhecesse diria que algum *rendez-vous*.... Não affianço, mas parece-me que a joven corou ao pronunciar estas palavras.

Senta-te aqui, Mathilde, tornou Carlos enlaçando-a pela cintura com uma liberdade respeitosa; senta-te, porque estou resolvido a pregar-te

um sermão muito extenso.... Ouvil-o-hei com summo prazer ; tudo que parte de si tem poder bastante para me subjugar.... não me tem dito que quer ser um irmão.... um pai para mim?....

E de novo o juro ; e hoje é representando o segundo que te vou fallar. Com quanto esta paternidade não seja muito rasoavel, a affeição que te tenho faz calar qualquer sentimento escrupuloso... Que estranha cousa ! atalhou Mathilde com um pequeno e engraçado gesto d'enfado ; um moço a fallar a linguagem dos velhos com uma menina de 17 annos ; porque não esquece essa rigidez *Spartianna*?.... não zombe, Sr. Carlos, olhe que eu sei a historia ! O que admiro em ti é esse character expansivo e franco ; quando a tua desgraçada posição te força a seres reservada. Tambem não comprehendo como o Sr. Carlos me aconselha a ser severa e reservada, quando tenho por um dever mostrar-lhe que.... Acaba. Que o amo muito.... como irmã, apressou-se Mathilde em accrescentar. Era tarde ; a joven trahia um segredo á muito tempo sepultado no mais profundo de seu coração. Felizmente Carlos, bom como era, não advinhou o pensamento da menina, e disse-lhe com voz commovida : Prometti hoje a Luiza que d'amanhã em diante irias habitar em minha casa, onde todos os cuidados e disvellos saberei despendêr contigo. Conheces-me sufficientemente para julgares que jámais faltarei aos deveres de homem honrado ; e que serei para ti um irmão devotado. Aceitas? Se aceito, e ainda o pergunta?... Sr. Carlos ; antes de ouvil-o, antes que comece a receber de si esses conselhos que um pai não saberia dar melhor ; eu lhe peço, escute-me, e depois.... ralhe comigo quanto quizer ! Ha neste mundo duas pessoas, proseguiu Mathilde com exaltação, por quem sacrificaria a propria existencia se m'a pedissem ; uma é o Sr.... não me interrompa ; a outra Luiza do Rego. O Sr. é um desses homens predestinados por Deos para serem a Providencia benigna dos infelizes deste mundo ! Luiza é o anjo Gabriel das desgraçadas como eu ! Esse poder que Deos lhe confiou devia, como era de suppôr, produzir o effeito para a causa que foi destinado, e d'aqui nasce a obediencia cega e passiva que se identifica com esses predicados bem difficeis de patentear-se, e mórmente com esta sociedade positivista, e *dourada* ao acaso. Não deve sorprehendê-lo esta linguagem, por partir d'uma mulher ; não, porque eu, se bem que mui joven sei distinguir e escolher as flôres sem

aroma d'aquellas que encantam pelo perfume. Por isso, Sr. Carlos, tudo que dimanar do Sr. ou de Luiza, vem de Deos.

Será uma blasphemia, será fanatismo, porém a natureza formou-me assim, e a morte só poderá extinguir esses defeitos capitaes. Agora meu.... irmão ; eu o escuto.

(Continúa.)

Fé, Esperança e Caridade.

III

CARIDADE.

Quando os theologos demonstraram esta virtude ás maçãs, foi para lhes fazer conhecer a abnegação que os protegidos da fortuna devem ter ás suas riquezas em prol da humanidade, é a virtude singela e delicada que deve alliviar o afflicto de seus males, e soccorrel-o com tudo aquillo de que necessite, é a maior inimiga da vaidade, por que soccorrendo deve ser occulta, para poupar a humilhação áquelle que a soffre. Mas as maçãs ou os homens do nosso seculo perverteram a palavra, requer ella segredo e abnegação, elles fazem alarde da virtude para obterem em troca as grandezas e o fausto da época. Jesus deu o exemplo da caridade curando os pobres, e despido de vaidade lavou-lhes publicamente os pés, para mostrar que a caridade é despida de fausto. Uma Rainha já deu tambem o exemplo da humildade da virtude, descendo os degrãos de seu Throno para repartir aos pobres, o pão de que necessitavam.

Humilde na sua beneficencia, a caridade bem interpetrada deve ser feita a occultas e sem vaidade, aquelle que a pratica deve involucrar-se no mysterio, para evitar o reconhecimento muitas vezes humilhante ; do contrario é então a vaidade que move o individuo, pois alardeando o pouco ou muito que fez, leva a mira em uma recompensa senão do beneficiado, ao menos desta sociedade, que tendo adulterada a palavra, lhe tece elogios pomposos com que lhe regosija o amor proprio.

A nossa sociedade está tão pervertida que por philanthropia nada faz, mas sim por interesse, abundam hoje essas casas que sob o titulo de emprestimo, sobre penhores, desgraçam immensas familias, que vergonhosas de irem hypothecar

seus valores a um Monte do Socorro recorrem a essas casas, que em pouco tempo, lhes absorvem em juro exorbitantes o valor real de objecto.

(Continúa.)

J. A. DA SILVA GUIMARÃES.

O meu desejo.

Eu desejo com amor e pureza, adorar o meu Creador; eu desejo que ninguém me interrompa ao agradecer-lhe com muito respeito a felicidade que goso nesta minha existencia.

Eu desejo ver minha patria, garrida, opulenta, qual foi já outr'ora; eu desejo que ella se torne inda um dia, tão temida e respeitada, qual foi no reinado de D. Manoel.

Eu desejo ver sempre aquella que amo, contemplar-me com gesto de muita ternura; eu desejo mostrar-lhe do intimo de meu peito, minha fé, minha gratidão, meus puros sentimentos.

Eu desejo ver minha mãe, e abraçal-a com muito carinho; eu desejo mostrar-lhe que sei avaliar a ternura, com que na minha infancia, risonho a seu peito me unia.

Eu desejo que Deos me illumine, sempre, sempre, com a sua piedosa graça.

Eu desejo divagar sempre sosinho, pelos valles mais solitarios; eu desejo entre o silencio ao ouvir o murmurió da brisa, compor endêxas sentidas, que revelem meus mais puros sentimentos.

Eu desejo que depois de minha morte, ninguém verta por mim pranto algum; mas ao passar por minha sepultura, apenas solte um suspiro de pura saudade.

Eu desejo para meus restos mortaes, um cantinho de terra somente; não confundido nos grandes cemiterios, mas em ermo valle, ornado apenas por alguns ciprestes: e ahi por signal seja uma cruz erguida, com estas palavras gravadas em puro metal:

« Respeitai, caminhante, quem repousa

Nesta erma sepultura;

Por que elle amou a Deos e a sua patria,

—E a seus pais com ternura.»

Eu desejo que ninguém me procure, quando me torne minha sorte desditoso; e que todos me deixem sosinho, vagando no deserto a carpir minhas dores.

Abril de 1856.

M. LEITE MACHADO.

POESIAS.

Saudades

A' MINHA IRMÃ ANNA DE J. XAVIER.

I

Vem, ó lyra, mui contente
Pois q' eu quero docemente
As tuas cordas vibrar,
Quero um canto saudoso,
Triste, sim, mas mavioso,
A minha irmã offertar.

Quero um canto mui fagueiro,
Mui risonho e feiticeiro,
Um canto todo d'amor;
Quero hymnos com ternura
De doce paz, de ventura,
Em ti cantar com primor.

II

Nasce a lua mui brilhante
E segredos d'um amante
Leda vem, ai! devassar;
Em seu leito indolente
Corre o rio mansamente,
Em seu doce murmurar.

Pousa e canta o rouxinol
De manhã e ao pôr do sol,
Sempre alegre em seu trinar;
Além corre a borboleta
Buliçosa e desinquieta,
Em seu vario labutar.

A prados de mil verdores
Breve partem os pastores
Seu rebanho apascentar;
Com a amante seus segredos
Fallam, fallam sempre ledos....
Ai que prazer! ai que amar!

Por entre arvores a briza
Vem ligeira, e se desliza
Mui além pelas campinas;
Corre amante prazenteira,
Com um riso, mui fagueira,
Acolher lindas boninas!

Lá ao longe hora da sesta
Tudo dança, festa, festa,
Tudo é rir, — tudo folgar ;
Correm moças mui ligeiras
Sempre lindas, — feiticeiras,
Essa festa aproveitar.

Mais além o jornaleiro
Sob o sol um dia inteiro
P'ra ganhar parco sustento ;
Pobre sempre, mas contente,
No porvir imprevidente,
Mas em Deos o pensamento.

III

Tenho tudo tão presente !
Bem o sente o coração,
Tudo isto eu hoje canto,
Mas meu pranto tem unção ;

Porém mais que a tudo isto
Eu te vejo, oh ! minha irmã,
Eu te vejo mui gentil,
Graciosa, e mui louçã.

Quando trova saudosa
Eu canto na rude lyra,
Fica certa, ó minha irmã,
Que és tu só quem m'a inspira.

IV

Minha lyra vai cantando
Doce canto fraternal ;
Minha lyra vai lembrando
O meu lindo Portugal ;
Minha lyra triste geme,
Triste geme só d'amor....
Mas qu'importa ? ella não teme
Avivar a minha dor.

V

O que temes, minha lyra,
Que não t'inspira a amizade ?
Porque paras ? Canta, canta,
Pois é mui santa a saudade.

Não mais a lyra cantou,
Que lindas trovas calou....

Aceita pois o tributo
Elle é santo — é todo teu,
Elle leva o pranto amargo
Que jámais ninguem verteu.

Rio, Abril 20 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fatalidade.

Quando eu cria piamente
Na santa afeição d'amor,
Esqueci-me ser prudente,
Eu me dei com todo o ardôr
D'um peito inexperiente,
Cheio de candura e pudor !

Dei á perfida, perjura,
Meu amor puro e sincero,
Consagrei-lhe em uma jura
Afeições que lhe reitero,
Dei-lhe minh'alma inda pura,
Deu-me em troca o desespero !

Dei-lhe todo o pensamento,
Todo o fogo de minh'alma,
Confiei-lhe n'um momento
Do porvir a dôce calma ;
Ella deu-me no tormento
Do martyrio a triste palma !

Só nella e na minha lyra
Empreguei toda amizade,
Queimeei o peito na Pyra
Do amor sem ter piedade !
Mas ella que odio respira
Deu-me em paga a crueldade.

Veio plantar-me no peito
A descrente anciedade !
Disse-me com vil despeito
— Amor em mim é vaidade ! —
Dou em troca ao teu respeito
A negra — Fatalidade.

Abril 13 de 1856.

JOAQUIM AUGUSTO DA SILVA GUIMARÃES.

Ella.

Ella era tão bella, tão meiga e gentil,
Que apenas a vi meu amor lhe votei,
Ella era tão casta, tão pura qual anjo
Eu via...sorriu-se...perdido fiquei !..

Amei-lhe os cabellos, tão longos, tão finos,
Quaes finas madeixas da deusa d'amor,
Amei-lhe os seus olhos, tão castos, tão meigos,
Tão bellos, tão negros, qual noite de horror.

Amei suas faces de nacar mimoso
Aonde amorsinhos se vêem a brincar,
Amei-lhe o sorrizo dos labios carmineos,
Que só poder tinha p'ra me captivar.

Amei-lhe o seu collo d'amor palpitando,
Seu peito de virgem, seu virgem pensar,
Amei-lhe a cintura, tão fina, elegante,
Que quasi parece se ía quebrar.

Amei-lhe o pésinho, mui breve e mimoso,
A mão que em extasi por vezes beije,
Dos anjos, das fadas, mimoso composto,
Seu rosto, seu collo, seu todo eu amei.

Em tempos felizes, que eu era ditoso,
Meu plectro, meu canto fazia echoar,
Ao ver o seu rosto, mimoso, fagueiro,
Sentia meu peito alegre pulsar.

Porém esse tempo feliz d'outr'ora,
Foi pouco duravel depressa acabou,
Só ternas, lembranças, conservo na mente,
D'um tempo ditoso que já se passou.

Abril 10.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Saudade.

AO ANNIVERSARIO DA MORTE DA SR.^a
D. MARIANNA P., EM O 1.º DE ABRIL DE 1855.

*Esta existencia no mundo
E' fementida, illusão....
Não choremos por quem vive
Lá na celeste mansão!*

J. DANTAS DE SOUZA.

Um anno passado, é longo,
Que na campa luctuosa
Dormes o somno profundo,
Oh! esposa carinhosa!!...

Amargo pranto sentido,
Sim!!... faz um anno que a lousa
Fatal, lugubre, humedece
Onde teu corpo repousa!

Anjo, tu, que eras na terra,
Foste sem dó nem clemencia,
Pela Parca arrebatada,
Ao sorrir da existencia!...

Affavel mãe, cara esposa,
Terna filha apeteçada,
Abandonaste aos que mais
Adoravam-te na vida....

Tenros seres pequeninos
Deixastes em orphandade,
Nos braços do pai, afflicto,
Carpindo a tua saudade!

Votado ás agras torturas
Da lugubre solidão!
Desfazendo em mil suspiros
O seu triste coração!

Mas teu peito, onde morava
A ternura, a singeleza,
Devêra seguir os fortes
Decretos da natureza!...

Foste feliz sobre a terra,
Mais feliz és lá nos ceos....
Fugiste do mundo d'enganos,
Mas foste habitar com Deos!

Rio, 1 de Abril de 1856

J. A. SOUZA MONTEIRO.

Reverdeee.

Linda rosa, que pendente
Me deixaste tristemente
A olhar pr'a tua cor;
Oh! diz-me porque murchaste,
Diz-me como t'inclinaste
Rosa de tanto primor.

Nasceste mui livremente,
E pendias docemente
Para o chão — como o sorrir;
Lia em ti doces segredos
Sempre risonhos e ledos,
Risonhos no meu porvir.

Recordávas-me as venturas
Doces, ardentes e puras,
Ardentes do meu passado;
Era em tua linda cor
Que avistava o meu amor,
Amor terno e compensado.

Recordavas mui fagueira'
Mui risonha e prasoniteira
O juramento que fiz,
Advogavas com ardor
Da minha Julia esse amor....
Eras, enfim, meu juiz.

Reverdece, pois, oh rosa,
Mui gentil e graciosa,
Fallá-me sempre d'amor;
Mas diz-me como a saudade
Cala o dever d'amizade
Avivando a minha dor.

Pois qu'eu quero docemente
Um beijo muito innocente
Em tuas folhas depôr;
E quero mais que este beij
Exprima o doce desejo
De te ver em tal primor.

E quando assim tão formosa
Eu te vir, oh minha rosa,
Nada mais hei a pedir ;
Serei sempre teu amante,
E uma ventura constante
Esperarei no porvir....

Rio, 6 de Abril de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Melancolia.

Ai, Eulina, o teu pastor
Já não tem mais alegria,
Sua terna poesia
Se murchou qual bella flor.

Vive sómente a penar
A penar por teu respeito :
E já dentro de seu peito
Sente fogo de matar.

Elle recorda o passado,
Lindo tempo venturoso,
Que se julgava ditoso
Quando se via a teu lado.

Vaga agora suspirando
Sem poder achar ventura,
Alem da lembrança pura
Que na mente vai pairando.

Mas si o seu ardente amor
De ti não foi comprehendido ;
Terás á muito esquecido
O teu infeliz pastor.

M. LEITE MACHADO.

O Cuco.

Se á noute ao divagar n'um bosque ameno,
De verdes freixos e formosas tylias,
Ouvia ao longe em alcantil agreste,
O canto triste do nocturno cuco,
Scismando incerto, a escutar parava.

Os compassados, solitarios gritos
Com melodia estranha vinham meigos
No peito meu fenecer saudosos.

Não sei que melancolica doçura,
Que placida tristeza me inspirava,
Mas largo tempo seu piar tristonho
Pensando me detinha ali no bosque.
O deserto e ermo das devezas,

D'argentea lua o fulgurar nos ceos,
O brilho frouxo das estrellas languidas,
A calada poetica da noute
Sua melodia casavam ao fagueiro
Ao selvatico piar do rude cuco.

De espaço a espaço seu agudo brado,
Que os echos da montanha repetiam,
Soava ao longe na campina fertil.

Oh ! quanto desejava ouvir agora
Lá nas quebradas de meus patrios montes,
Da branda primavera em linda noute,
Aquelle melancolico descante !

Meu coração, que a dor vai regelando,
Que as saudades pungentes me retalham,
Remoçado seria aquelle echo

Da minha juventude : Talvez de novo
Sentir julgasse as paternaes caricias,
De que o Supremo ser me ha privado,

Entre nós pondo a lousa do sepulchro ;
E ao menos ao natalico bafejo

Da viração amena scntiria
O peito dilatar-se, e as nuvens negras,
Que o coração afficto me povoam
De leda cor tingirem-se festivas.

Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1855.

BERNARDINO PINHEIRO.

VARIEDADES.

Luthero.

Luthero nasceu em Eisleben no condado de Mansfeld, na Alta Saxonia, em 10 de Novembro de 1483 : a morte de um de seus companheiros morto d'um raio, decidiram sua vocação ao estudo monástico : admittido na ordem dos Gracianos, e distinguindo-se pela sua applicação, foi nomeado professor de Theologia na Universidade de Wittenberg : a leitura dos escriptos de Wicleff e de João Hus inspirou-lhe o gosto da controversia, e adoptando as mesmas opiniões foi um dos principaes autores da Reforma, e o mais acerrimo defensor da doutrina que separou depois da Igreja de Roma uma grande parte da Europa. Declarado hereje em 1520, e proscripto em 1521, Luthero separou-se da communhão Romana, abandonou o habito e vida monastica, esposou Catharina Bore, que abandonara tambem o mesmo estado, e morreu em Eisleben em 28 de Fevereiro de 1546 tendo de idade 62 annos 2 mezes e 18 dias.

Traducção de J. M. DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.